

---

## Antônio Callado: o engajamento de um jornalista-escritor no regime militar (1964-1974)<sup>1</sup>

Flavia Daniela Pereira DELGADO<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

O legado literário do escritor Antônio Callado é tema de muitas pesquisas científicas na área de Letras. No entanto, sua contribuição como profissional da imprensa ainda é alvo de poucos estudos no Jornalismo. O presente artigo - parte de uma tese de doutorado focada na análise da sua produção jornalística-historicizante durante a primeira década do regime militar - pretende resgatar o seu percurso no jornalismo impresso carioca e suas passagens pelo Correio da Manhã, BBC e Jornal do Brasil, quando foi preso, alvo de censura, inquéritos militares, além de ter seus direitos civis cassados pela repressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; regime militar; repressão; Antônio Callado.

#### 1- Do Correio da Manhã a Londres e Paris

Um homem de seu tempo alinhado com ideologias de esquerda. Um defensor dos índios, da reforma agrária, da justiça social, da democracia, forte crítico e observador dos rumos políticos do Brasil. Antônio Callado foi muitos. Advogado por formação, jornalista por escolha, escritor e dramaturgo por amor, o consagrado nome de nossa literatura, traduzido em mais de cinco países, ocupou a cadeira nº 8 da Academia Brasileira de Letras de 1994 a 1997, quando morreu aos 80 anos em 1997.

Sua trajetória começou antes como jornalista, que atuou nos principais veículos impressos da cena midiática brasileira por quase quatro décadas. O auge da carreira na imprensa carioca coincidiu com uma época de efervescência política e cultural do país. Pode-se dizer que a sua biografia tem sincronia com alguns dos mais determinantes fatos históricos do Brasil e do mundo no século XX. Sustentamos em nossa tese que, além de um intelectual, Callado foi um historiador do instante, ao produzir textos jornalísticos que são ao mesmo tempo documentos daquilo que Jacques Lacouture denomina *história imediata*, “cujos componentes irreduzíveis são, a um só tempo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 01 – Jornalismo- do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação - ECA-USP, e-mail: [fdelgado@usp.br/flavia.delgado@globob.com](mailto:fdelgado@usp.br/flavia.delgado@globob.com)

---

proximidade temporal da redação da obra em relação ao tema tratado e proximidade material do autor em relação à crise estudada” (LACOUTURE, 1998, p. 288).

Advogado por formação, seu talento maior sempre foram as Letras. Dentre as possibilidades profissionais que se lhe apresentavam à época, o jornalismo parecia-lhe a que mais poderia conciliar o ofício de escritor com um emprego remunerado. Segundo o próprio Callado, “toda a vocação foi no sentido da literatura. O jornalismo foi a profissão mais afim que eu descobri, como muitas outras pessoas, para ganhar a vida com uma coisa que não fosse muito diferente daquilo que eu realmente queria fazer”. (CALLADO, 1982, p. 249).

Iniciou a carreira jornalística aos 20 anos em 1937 em um dos mais importantes periódicos do Rio de Janeiro na época: o *Correio da Manhã*<sup>3</sup>. Entre 1939 e 1941, além de atuar como repórter neste periódico, trabalhou paralelamente como colunista em *O Globo*, onde assinava uma coluna sob o pseudônimo de “Anthony”. Na mesma empresa, também foi redator de um suplemento chamado “*Globo Juvenil*”, um tabloide colorido de dezesseis páginas que lançava no Brasil os quadrinhos norte-americanos de sucesso na época– “*Fantasma*”, “*Mandrake*” – e circulava as terças, quintas e sábados.

Em plena vigência da Segunda Guerra, Callado assinou contrato com a Seção Latino-americana da BBC em Londres e trabalhou como redator, tradutor e roteirista de ficção<sup>4</sup> do serviço brasileiro de rádio da corporação britânica. Entre dezembro de 1944 e outubro de 1945, afastou-se da BBC para trabalhar em Paris (já liberta da ocupação nazista), no Serviço Brasileiro de “*Radio-diffusion Française*”.

---

<sup>3</sup> Fundado pelo advogado gaúcho Edmundo Bittencourt em 15 de junho de 1901 no centro da cidade do Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã* era marcado por uma linha editorial participante, liberal, legalista e combativa, fazendo oposição ao então presidente Campos Sales em uma época em que os jornais se abstinham de fazer críticas ao governo alegando neutralidade. “Quebrava a placidez aparente, alcançada pelo suborno, pela sistematizada corrupção, institucionalizada a compra de opinião da imprensa (...). Foi realmente o veículo dos sentimentos e motivos da uma burguesa urbana (...) quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete, levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima”. (SODRE, 2011, p. 422-423). Por ser um jornal de opinião e de oposição, tendo se posicionado frontalmente contra o golpe militar, *O Correio da Manhã* sofreu perseguições, na forma de corte de publicidade e pressões e prisões contra jornalistas, apreensões de exemplares, ocupação da redação por policiais e um atentado a bomba na sede do jornal, que aliados à pressão financeira, fizeram com o que o periódico fechasse em 1974. Era considerado um dos mais consistentes formadores de opinião do país, pois se identifica tanto com as classes médias conservadores quanto com as ideias avançadas do Rio de Janeiro. Além de Antônio Callado, passaram também pelo *Correio da Manhã* nomes como Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda (como revisores) e Carlos Drummond Andrade, Carlos Heitor Cony, Otto Maria Carpeaux, Ledo Ivo e Marcio Moreira Alves.

<sup>4</sup> Segundo o pesquisador Daniel Mandur Thomaz (Universidade de Oxford) que descobriu peças de teatro radiofônicos datilografadas nos arquivos da BBC, é possível perceber que vários dos temas e questões que Callado desenvolverá em seus romances dos anos 50, 60 e 70 - como as relações entre misticismo e revolução, entre arte e transformação social e o papel do artista engajado - já aparecem problematizados nas suas peças dos anos 40. Isso revela como sua experiência na Inglaterra durante a guerra impactou sua obra.

---

Graças à distância dos anos na Europa, Callado aprendeu a olhar de fora o Brasil, e aprofundou o interesse e o desejo de conhecer a realidade brasileira. Foram anos de amadurecimento também no campo pessoal: foi na Inglaterra em 1943 que Callado se casou pela primeira vez com uma colega de trabalho, Jean Maxine Watson, com quem teve três filhos. Nas próprias palavras do autor

Era moço, 20 anos, pouco politizado, acabei casando por lá mesmo e vivia feliz da vida... Mas... de repente começou a bater aquela saudade do Brasil. Tão grande... e assumia várias formas, uma das quais era ir a uma rua, onde tinha os sebos todos, sebos gigantescos, e catar tudo que encontrasse sobre o Brasil, livros brasileiros e portugueses. Começou a me dar uma sufocação, aquela vontade de voltar e viver no Brasil, e uma tranquila convicção de que nunca mais ia morar no estrangeiro. Viajar, sim, mas nunca mais me afastar daqui por tanto tempo. (CALLADO, 1982, p. 235).

## **2 – De volta para Casa e com “fome de Brasil”**

Em 1947, quando regressa ao Brasil e ao Correio da Manhã (a “Casa” onde iniciou a carreira e de onde só se desvinculará totalmente no final da década de 1960), trabalhou na cobertura de eventos de interesse internacional, como a Conferência Interamericana de Assistência Recíproca (Petrópolis, 1947), a Conferência Pan-Americana de Bogotá (1948) e a Conferência de Ministros do Exterior do Hemisfério (Washington, 1951).

Mas ainda restava a “fome” de Brasil. Em 1952, Callado colocou em prática o projeto que acalentara enquanto vivia no exterior: conhecer de perto a realidade brasileira. Para isso foi viajar pelo interior, fazer pesquisa e trabalho de campo – observação, entrevistas, tudo registrado a mão em um diário - úteis tanto para fazer reportagens quanto para, futuramente, compor prosa de ficção.

Eu tinha morado anos no estrangeiro e voltei ao Brasil com uma vontade quase física de conhecer direito o país: uma espécie de fome. Antes de viajar e viver alguns anos na Europa, eu tinha conhecido de um modo um tanto distraído e vago apenas o Rio e seus arredores, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador. Ao regressar (...) o que eu queria era a Amazônia, o Xingu dos índios, o Pantanal de Mato Grosso, o sertão nordestino. A primeira providência que tomei, pela ordem, foi conhecer a Amazônia (CALLADO, 1986).

---

Em 1952, participou da expedição em busca dos ossos do coronel Fawcett<sup>5</sup>. Contudo, quando Callado e a expedição chegaram ao local em 24 de janeiro, já se comprovava que a ossada não era do coronel. Foi nesta viagem ao Xingu que Callado recolheu farto material etnográfico que ele mobilizou, primeiramente, para escrever uma reportagem para o Correio da Manhã e, posteriormente, transformá-la em seu primeiro livro-reportagem, *Esqueleto da Lagoa Verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett*, publicado em 1953.

Quem possibilitou as condições materiais e operacionais para Callado produzir a materializar o conteúdo não foi o jornal onde trabalhava, mas, curiosamente, a concorrência, que montou a expedição ao Xingu: os Diários Associados. O convite pessoal feito por Assis Chateaubriand gerou protestos dos outros colegas jornalistas que lá trabalhavam, como relata Callado, em texto que escreveu sobre os bastidores da reportagem e foi publicado pela Revista Realidade, em junho de 1975:

Descoberta a ossada por Orlando Villas Boas, resolveu Assis Chateaubriand montar a grande reportagem de 1952, convidando para integrar a caravana dos Associados o filho vivo de Fawcett, Brian, que para isto veio especialmente da Inglaterra. E me convidou a mim também, apesar de eu ser do Correio da Manhã. Fundador dos Associados, tirano esclarecido do império que fundara, de jornais e estações de rádio, misto de grande jornalista, corsário, imoralista e príncipe do Renascimento, Chatô tinha desses gestos largos. O pessoal dos Associados achou o cúmulo que ele anexasse à expedição um repórter de jornal concorrente. Sabendo que eu gostava do mato e da história de Fawcett, Chatô me chamou e me incluiu, com honras de convidado, sem sequer tomar nota dos protestos. Só ouvia uma voz interior do “meu padrinho Nietzsche”, como dizia. (CALLADO, 1975, p.104)

Nesta reportagem o jornalista constrói um relato engenhoso: sob o pretexto de falar de Fawcett e a da ossada encontrada às margens do Rio Kuluene<sup>6</sup>, mostra a situação dos índios e o seu cotidiano, aborda o trabalho do Posto e de Villas Boas, descreve a natureza do Xingu, e entrelaça a sua narrativa com reflexões sobre o Brasil dessa época. Davi Arrigucci Jr afirma que “Esqueleto à lagoa verde não é apenas uma das melhores reportagens já escritas no Brasil, mas uma espécie de desconstrução da

---

<sup>5</sup> No ano anterior, em abril, Orlando Vilas Boas descobrira, com a ajuda dos índios Kalapalo, uma ossada na beira do Rio Kuluene, mais importante e caudaloso afluente do Rio Xingu e um dos principais da Bacia Amazônica. O coronel Percy Harrison Fawcett, oficial britânico que, com autorização do governo brasileiro fez duas expedições ao interior do país em busca de uma misteriosa cidade perdida que ele acreditava encontrar no Alto Xingu, desaparecera na selva em 1925. Ele estava com seu filho mais velho e um amigo, e poderia ter sido morto pelos índios.

reportagem tradicional, minada pela fratura da escrita irônica com que faz e desfaz hipóteses sobre ossos falsos” (1999, p.129).

Em julho de 1954, foi promovido a chefe de redação do Correio da Manhã. A experiência como gestor durou cinco anos e não lhe agradou. Em entrevista concedida dias antes de sua morte ao jornal Folha de S. Paulo, admitiu: “Não gostei. Não gosto de mandar nos outros. Acho uma coisa desagradável, chata”. No fim de 1959, optou por voltar ao universo que lhe dava mais satisfação pessoal e profissional (a produção textual, a reportagem). Produziu e publicou para o jornal uma série de reportagens<sup>7</sup> no nordeste, centradas principalmente no Engenho Galileia, no município de Vitória de Santo Antão<sup>8</sup>, local de onde começava a se afirmar com pujança as Ligas Camponesas<sup>9</sup> de Francisco Julião. O conjunto de textos foi transformado em livro e em peça teatral, conferindo ainda mais visibilidade ao texto, que originalmente já tinha revelado nas páginas do Correio da Manhã a dura realidade de exploração da mão de obra dos trabalhadores em canaviais e engenhos.

### **3 - Os agitados anos no JB: ditadura, perseguições e prisões.**

Em dezembro de 1963, Callado recebe o convite para atuar no Jornal do Brasil<sup>10</sup>, veículo no qual trabalhou como redator, editorialista e repórter especial. Foi nesta última condição que ele voltou ao nordeste e produziu uma série de reportagens ainda sobre as tensões entre usineiros e trabalhadores na zona canavieira de Pernambuco, além da nova experiência político-social vivenciada pelo estado, então governado por Miguel Arraes. Callado narrou a experiência democrática vivida pelo estado e que considerava ser aquela uma revolução-piloto na medida em que não se opunha ao sistema, mas se desenrolava dentro dele.

É o que mostra o título de uma de suas reportagens, que ganhou manchete na capa do Jornal do Brasil, na edição de 23.12.1963: “Pernambuco é laboratório de

<sup>7</sup> As reportagens denunciavam as más condições de trabalho e divulgou as lutas sociais dos lavradores de Pernambuco.

<sup>8</sup> Município a 50 quilômetros da capital, Recife, onde funcionava um engenho no qual trabalhavam mais de 100 famílias de agricultores, vivendo em situação de penúria. .

<sup>9</sup> Por estarem ligados ao grande latifúndio, os partidos políticos brasileiros não legislavam sobre os direitos do camponês. O primeiro partido a abraçar a causa dos camponeses foi o Partido Comunista Brasileiro. O PCB foi o responsável pela criação das primeiras Ligas camponesas com o objetivo principal de organizar as massas dos trabalhadores rurais para protestar contra os grandes proprietários de terras, os latifundiários. Tal organização iniciou-se ainda nos anos de 1940. Porém, o cenário político-social ideal para a expansão e consolidação das mesmas só ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sendo mais forte na região Nordeste do Brasil. Foi nessas décadas que foi construída a emergência da luta do homem do campo. Em 1962, o movimento propriamente camponês estava sob orientação das Ligas Camponesas. Neste mesmo ano, o advogado e político pernambucano, Francisco Julião, assume um papel fundamental como representante das causas relacionadas às Ligas e ao homem do campo. (VANDECK, 2001).

<sup>10</sup> Apesar disso o jornalista não se desligou totalmente do Correio da Manhã, nele ainda colaborando eventualmente.

mudanças”. A série de reportagens publicadas entre 07 de dezembro de 1963 e 19 de janeiro de 1964 foi transformada em livro neste mesmo ano. “Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução sem violência”. No prefácio do livro, publicado já sob a égide do novo regime ditatorial, o autor reflete sobre a experiência pernambucana que testemunhou, mas já com um ar de incerteza e desencanto pelos rumos políticos tomados pelo país.

O panorama que encontrei em Pernambuco em fins de 1963 era de infundir esperança mesmo ao mais desanimado dos brasileiros. De 1959 para cá e principalmente sob a liderança de Miguel Arraes, Pernambuco se dedicara a mais escassa das atividades deste país: a de fazer história. As Ligas tinham perdido terreno. Mas não tanto em relação a si mesmas. É que entraram em campos outras forças que tiraram o estado e o Brasil da marginalidade da história em que temos vivido (...). A revolução de Pernambuco era ‘piloto’ no sentido de que provavelmente inspiraria a revolução maior, brasileira, e ambas tinham jeito de triunfar à brasileira, com bons modos e pouco sangue. Agora não sei. (CALLADO, 1969, p.15-16)

Anos 60. Enquanto o governo norte-americano se preocupava em afastar as tendências socialistas da América latina, internamente a crise política que culminou no Golpe Militar de 1964 se instalou desde a renúncia do presidente Jânio Quadros em 1961 e a posterior posse do vice-presidente João Goulart. Os partidos de oposição acusavam João Goulart de estar planejando um golpe de esquerda e de ser o grande responsável pelos graves problemas que o país enfrentava, como por exemplo, o desabastecimento. Em 1º de Abril de 1964, o presidente é deposto. Isolado politicamente e sem apoio, deixa logo após o país, refugiando-se no Uruguai enquanto os generais golpistas, com apoio dos políticos e líderes conservadores, assumiam o poder e o comando da nação. Iniciava-se uma nova ditadura no Brasil.

O governo Castello Branco foi imediatamente reconhecido pelas autoridades governamentais dos Estados Unidos e contou com o apoio de grandes empresários brasileiros e diretores de empresas multinacionais. Esse apoio foi dado aos militares em razão da doutrina de segurança nacional elaborada pela Escola Superior de Guerra, por meio da qual o governo brasileiro assumia o compromisso de combater as ideias socialistas ou comunistas. Promoveu-se forte repressão policial contra várias entidades: diversos sindicatos foram fechados e a União Nacional dos Estudantes (UNE) foi invadida. Em 60 dias, mais de 300 pessoas tiveram seus mandatos cassados e seus direitos políticos suspensos — entre elas três ex-presidentes da república: Juscelino Jânio e João Goulart. (COTRIN, 2005, p.558)

Quando o regime militar é instalado, o jornalista Antônio Callado estava em franca produção textual como articulista para o JB. Eram artigos sobre educação, política internacional, críticas literárias, além de crônicas, publicadas ora no primeiro caderno, na editoria de Opinião, ora no Caderno B (Cultura) e no Suplemento Literário. Em que pese o fato de sua inclinação ideológica à esquerda, foi favorável (ao menos em um primeiro momento) à deposição de João Goulart. Mas, já logo nos primeiros dias do novo regime, assumiu publicamente uma postura crítica e contrária à arbitrariedade do novo regime, mesmo que ainda não dirigida totalmente ao primeiro general presidente.

Em 12 de abril de 1964, um dia após o Congresso eleger indiretamente presidente o general Humberto Castelo Branco, o Correio da Manhã publicava na página 6 do primeiro caderno o artigo *Volta o Barril*, em que deixa clara sua postura quanto aos últimos acontecimentos políticos do país, particularmente à prisão de Miguel da Cassação dos direitos políticos do economista e professor Celso Furtado, um dos intelectuais mais respeitados do país, então presidente da SUDENE.

...o presidente estava levando o país à anarquia. Por mais que me repugne atirar pedra particular na hora do geral apedrejamento do ex-presidente, é inegável que o Brasil descia sem freios uma encosta que ia dar no caos (...) acabei por aplaudir sinceramente a queda do presidente. Mas só com muita náusea podemos tolerar entre os heróis democráticos do dia figuras como Ademar de Barros (...). Vai ser difícil justificar o que se fez no plano democrático ao governador Miguel Arraes e no plano do progresso do Brasil em geral contra Celso Furtado, superintendente da SUDENE (...). É difícil calcular, desde já, que força real terá o general Castelo Branco na presidência desta pobre República desdenhosamente outorgada do país a três militares. Se tiver alguma, vai ter que rever muita coisa. (CALLADO, 1964, p.6)

Não demorou muito e seu posicionamento de jornalista e intelectual de oposição ao regime lhe custou algumas prisões – pelo menos cinco - sob a acusação de subversão. “A primeira vez foi ali no largo São Francisco, logo depois de 1964. E logo fui solto”. A segunda vez foi em 1965, no episódio conhecido por *Os Oito do Glória*, que levou esse nome por ter ocorrido em frente hotel de mesmo nome no Rio de Janeiro, onde acontecia reunião da Organização dos Estados Americanos.

...estava programada uma reunião da OEA no Rio de Janeiro e a própria OEA comunicou ao governo brasileiro que ia fazer a reunião em Washington, porque não era o momento adequado para fazê-la no Brasil. Mas o Castelo Branco insistiu, dizendo que o povo estava calmo e que tudo estava sob controle. Achemos aquilo um desaforo, eu mais um grupo de intelectuais. Então fomos para a porta do local da reunião,

---

onde realizamos uma boa manifestação. Depois de certo espanto dos policiais, por verem sujeitos maduros, de classe média, uns senhores bem vestidos fazendo passeata feito estudante, nos prenderam. Ficamos uns 10 dias. Saímos, porque a imprensa fez alarde e tiveram que nos soltar. (LEITE, 1982, p.6)

É Carlos Heitor Cony, que ao lado de Glauber Rocha também dividiu a cela com Callado, que também lembra:

Estavam lá o Glauber, o Callado, o Flávio Rangel, Thiago de Mello, Márcio Moreira Alves e outros (...). O mínimo que nos aconteceria seria a prisão, disso tínhamos certeza. Volta e meia eu sentia um frio no estômago: e se houvesse reação, tiros, o diabo? Olhava o Callado: a fleuma dele era sobrenatural. Já de cabelos brancos, ele tinha a consciência de que estava fazendo o certo - o resto não tinha importância. (...) Demos uma vaia e fomos presos. Ficamos presos quase um mês. (CONY, 1996)<sup>11</sup>

Em 1967, ano de publicação de *Quarup* – romance mais festejado do autor e que começou a ser escrito na cela da prisão dois anos antes - Callado se torna correspondente internacional do *Jornal do Brasil* em Paris. No ano seguinte, após a edição do AI -5, o fechamento do Congresso Nacional e o conseqüente recrudescimento do regime militar, o jornalista se torna o primeiro repórter sul americano a cobrir direto de Hanói em pleno combate a Guerra do Vietnã. O resultado de três semanas de viagem entre outubro e novembro de 1968 é a série *Vietname do Norte*<sup>12</sup>: *o outro lado da guerra* composta por cinco reportagens, publicada sob o título “Hanói ou heroísmo como rotina”, ocupando quase duas páginas do primeiro caderno. A série posteriormente se tornou em livro, cujo subtítulo mudou para “Advertência aos Agressores”. Na primeira edição pela Civilização Brasileira, Joel Silveira sobre a obra dizia:

A presença de Callado se verificava nas mais perigosas frentes de luta do sudeste asiático e em trincheiras aonde até então nenhum jornalista brasileiro conseguira chegar. (...) O que convém destacar nesta magnífica e ao mesmo tempo pungente reportagem de Antônio Callado é o seu tom isento: sente-se, lendo-a que o seu autor não saiu do Brasil com ideias preconcebidas, levando, senão no bolso, pelo menos na cabeça, o roteiro adrede preparado do que iria ver e o rol de assuntos sobre os quais iria escrever – capciosa esquematização que tem feito tanto ‘repórter’ entre nós e no mundo inteiro um ser execrável a serviço dos mais ignóbeis farsas e das mais deslavadas pulhices. (...). O repórter Antônio Callado se conduz nos seus contatos com a terra e a gente vietnamita, bem como na sua maneira de observar as motivações

---

<sup>11</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/28/mais!/5.html>

<sup>12</sup> Grafia original com a qual foi publicada no *Jornal do Brasil*



---

e a estratégia da fabulosa luta popular, como um pintor impressionista diante da paisagem ou da figura que tem diante dos olhos e que tocou sua sensibilidade. (SILVEIRA, 1969).

Callado fora o único jornalista da América Latina que conseguiu chegar ao Vietnã do Norte e viajar para o sul de Hanói, no rumo do Paralelo 17, onde se concentravam então em toda sua fúria os bombardeios norte-americanos. Depois seguiu para as montanhas de *Dien Bien Phu*,<sup>13</sup> onde havia terminado a resistência dos franceses invasores em 1954. Sua ideia era mostrar qual a fórmula de resistência do povo vietnamita à invasão de duas grandes potências ocidentais, inimigos poderosos, servidos da mais adiantada tecnologia no intervalo de duas décadas.

A repercussão da série de reportagens no sudeste asiático foi grande. Outros veículos noticiavam o feito e ele recebia convites para falar sobre os bastidores do trabalho realizado em pleno *front*. Mas a ditadura não perdoava.

Convidado para falar sobre esta cobertura em novembro de 1968 no programa de Hebe Camargo, na TV Record (na época líder de audiência), viajou a São Paulo e gravou a entrevista. Mas o material foi censurado e deu lugar a um anúncio de sabão. O programa abordaria os bastidores da reportagem de uma guerra considerada sem sentido pelos próprios americanos, além de contar a história de luta e resistência do povo vietnamita. Do ponto de vista dos censores, era uma afronta anunciada criticar norte-americanos, aliados do regime e fazer qualquer menção elogiosa aos compatriotas de Ho Chi Minh. Carlos Fico (2014, p.87) lembra que a partir do final de 1968, com a edição do AI-5, houve uma intensificação da censura na imprensa e a repressão nos meios audiovisuais cabia à Divisão de Censura das Diversões Públicas, a DCDP, que na época tratava de analisar previamente antes de serem publicados ou irem ao ar outros objetos midiáticos como livros, revistas, espetáculos musicais e teatrais, além de programas de rádio e TV.

Um ano depois, em uma madrugada de janeiro de 1969, época em que Callado atuava como editorialista no JB, foi preso, mas desta vez “[...] foi diferente, uma coisa chata demais”. Foram buscá-lo em casa e Callado lembra de um “jipe cheio de soldados”, e de um “tenentezinho meio insolente”, que pediu para ver os seus livros:

---

<sup>13</sup> Cidade no noroeste do Vietnã, local onde aconteceu a batalha em entre as forças pela independência do Vietnã e o exército francês, que assinalou o fim da guerra da Indochina e a vitória comunista.

---

(...) Aí até que gostei. Na minha casa tem tanto livro que ele entrou na sala e desistiu logo. Eu disse: ‘Por favor, o senhor pode ver à vontade. Senta aí, vê os livros’. Eram três horas da manhã”. De sua casa, levaram apenas um retrato de Guevara, em sua moldura, com vidro e tudo, como estava pendurado na parede, e obrigaram Callado a carregar o quadro. Disseram que o quadro também estava preso... Prenderam o retrato do Che Guevara! Eu disse: “Esta bem, levo o quadro.” Era um cartaz, não custava arranjar outro depois... Fui sentado no jipe com aquele quadro na mão. Acho que nesse episódio eu cumpri a minha tarefa de gratidão ao Guevara. Carreguei aquele quadro por vários lugares, até eles descobrirem um lugar para me depositar... Passei por vários lugares, por um lugar onde havia cavalos e carneiros, depois um quartel. E eu carregando aquele retrato... (CALLADO, 1993, p. 68-69)

Depois, Callado foi levado a Realengo, onde ficaram presos Ferreira Gullar e Paulo Francis e onde estavam Caetano Veloso e Gilberto Gil. Os dois cantores ficaram presos por três meses, enquanto Callado cumpriu quinze dias de cadeia.

Mas fiquei pouco tempo em Realengo. Quando saí, ainda deixei Gil e Caetano por lá. Eles cumpriram uns três meses de prisão. No presídio da Vila Militar, cortaram a barba do Gil só para chatear, para tentar humilhar e desmoralizar. E fingiam que iam fuzilar a gente, levavam os presos para um pátio e treinavam a mira... Sei o quanto devem ter sofrido Caetano e Gil. Era uma violência enorme. De lá, ainda fui para o Batalhão de Guardas. (CALLADO, 1993, p. 69)

No ano seguinte, foi preso novamente junto com a diretoria do Correio da Manhã, sob a acusação de atividade contra a segurança nacional, mas logo foi solto. Em 30 de abril de 1969, a manchete do Jornal do Brasil estampava na capa “Governo cassa, suspende ou afasta 107 cidadãos”. E no corpo da manchete: “várias pessoas tiveram seus direitos político suspensos, neles figurando Antônio Callado, editorialista deste jornal, proibido agora de exercer a atividade jornalística”. Era o AI-9, que fechara emissoras de rádio, demitia ou aposentava compulsoriamente professores e pesquisadores universitários, cassava deputados e também os direitos políticos de Callado, pelo período de dez anos.

A decisão repercutiu no meio intelectual e jornalístico. A proibição de exercer o jornalismo foi revogada então no mês seguinte. Capa o JB publicou a notícia “Jornalistas que o ato atingiu já podem escrever” em 13 de maio de 1969:

O presidente da República assinou decreto ontem suspendendo a proibição aos jornalistas Antônio Callado e Leo Guanabara de exercerem atividade em empresas jornalísticas de rádio e TV (...). Desta forma, a punição imposta aos dois jornalistas ficou limitada além da suspensão por dez anos de seus atos políticos, ao impedimento de exercerem magistério de qualquer nível ou de integrarem diretórios ou

---

conselhos de sindicatos, clubes e associações de atividades recreativas. (JORNAL DO BRASIL, 1969, p.1).

Em crônica que publicou anos mais tarde, em novembro de 1982 na revista Istoé<sup>14</sup> sob o título “Penetra na festa da eleição”, Callado relembra e reflete sobre o fato. Conta com tristeza, que estava ansioso para participar e votar diretamente nas eleições daquele ano<sup>15</sup>, mas não conseguiu, porque a Justiça Eleitoral havia eliminado seu registro como eleitor.

Meus direitos políticos foram suspensos a partir de 1969. Resolveram, então, que eu não podia votar durante dez anos. De início resolveram até que eu não podia trabalhar em nenhum jornal, revista, rádio, televisão ou exercer o magistério. Mas essa grosseria maior durou pouco. Foi revogada. Seja como for, esgotados os dez anos, entendi que, automaticamente, recuperaria os direitos perdidos.(...) Juro ter imaginado que decorridos os dez anos, meus direitos me voltavam às mãos, como volta a liberdade a quem cumpriu sentença num cárcere. Mas não (..) para a justiça eleitoral é como se eu nunc ativesse existido. Meu nome foi extirpado da lista, como se eu tivesse morrido. (...) No dia da eleição, fiz ver ao juiz que eu não tinha estado ausente. O voto é que se ausentara e mim. Não tinha aviso descaso de minha parte. O voto é que se ausentara de mim, desdenhoso. E de que enfermidade podiam me acusar, a não ser de uma catalepsia falsamente induzida pela Lei de Segurança Nacional, uma mortezinha civil com data marcada, uma eternidade de meros dez anos? (...) Mas não há de ser nada, pensei, ao voltar para casa com meu voto no bolso. Afinal de contas, fiquei na boa companhia dos eternamente cassados, dos que são considerados sempre penetras, dos barrados na porta, dos milhões que não votam porque não sabem ler nem escrever (CALLADO, 2017, p.241-242).

O restante do ano de 1969 passa a ser de interrogatórios e discussões sobre a legalidade das acusações que o governo Costa e Silva lhe imputava. Em 31 de julho, a manchete “Aeronáutica interroga Callado” dá conta de que o jornalista prestava esclarecimentos em Inquérito Militar, cuja acusação versava sobre a publicação de dois artigos no Jornal do Brasil<sup>16</sup>, em 1967, considerados ofensivos à Lei de Segurança Nacional. A defesa<sup>17</sup> de Callado se baseava no princípio básico da direito penal - a

---

<sup>14</sup> Crônica publicada originalmente na coluna política chamada “Sacadas” e reunidas no livro “O país que não teve infância”, publicado em 2017 pela viúva Ana Arruda Callado.

<sup>15</sup> Eleições gerais para governadores realizadas em 15 de novembro de 1982, as primeiras em que os cidadãos puderam votar diretamente desde que a ditadura fora estabelecida, em 1964. Segundo GASPARI (206, p. 229-230) o regime saiu derrotado do pleito. A oposição recebera 25,3 milhões de votos em disputas pelos governos estaduais. A eleição de dez governadores oposicionistas representou o fim do mais longo período de centralização administrativa da história republicana. Milhares de pessoas banidas de cargos de relevo no serviço público ou oposicionistas moderados ou não chegariam ao poder ou a ele retornariam, como foi o caso de Leonel Brizola, Tancredo Neves, Franco Montoro, Darcy Ribeiro e Mário Covas.

<sup>16</sup> Os artigos que segundo a investigação constituíam propaganda subversiva contra o Estado foram “A merenda dos generais” e “Exército de Mendigos”

<sup>17</sup> Callado foi defendido pelo advogado Carlos Eduardo Lins e Silva

irretroatividade da lei<sup>18</sup>, uma tese que ao final foi considerada vencedora - em 26 de setembro, a página 4 do Jornal do Brasil trazia a notícia “Justiça Militar absolve Antônio Callado” das acusações de que terem teor subversivo seus artigos políticos supostamente ofensivos à segurança do estado. A inocência estava provada, mas seus direitos políticos continuariam cassados por dez anos.

Em 1970, órgãos de repressão foram criados e devidamente montados pelo Exército, como por exemplo, o DOI-CODI<sup>19</sup> (Destacamento de Operações de Informações– Centro de Operações de Defesa Interna) – base da estrutura da repressão política no Brasil e o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). O propósito era o de “combater o perigo comunista”

Na virada da década, Callado continua a trabalhar no Jornal do Brasil, agora como repórter especial e correspondente internacional em Paris. Ao que parece, transferi-lo como correspondente internacional novamente foi o caminho encontrado pelo periódico para garantir-lhe as atividades jornalísticas com mais liberdade. Nesse tempo, relatou em artigo a experiência democrática do governo de esquerda de Salvador Allende, três anos antes do golpe que instalaria Pinochet e a ditadura no país vizinho. De Paris, escrevia sobre o processo eleitoral na França, sobre o cinema político de denúncia de Costa Gavras, ou fazia a crítica de livros, como o de memórias de Charles De Gaulle. Quando o Suplemento do Livro<sup>20</sup> passou a circular no último sábado de cada mês, em janeiro de 1971, além de editorialista, Callado passa também atuar como crítico literário, até o fim de 1974. Na mesma época, em paralelo, passa a colaborar como articulista também do jornal semanal Opinião, veículo alternativo e de oposição lançado em 23 de outubro de 1972 cuja proposta era abordar questões sociais e políticas por meio de análises econômicas, cultura, comportamento, além de matérias originalmente publicadas no Washington Post, Le Monde, The Guardian, New York Review of Books etc. A ideia era também trazer reportagens interpretativas, que procurassem correlacionar os fatos, enquadrando os eventos em seu contexto mais amplo.

---

<sup>18</sup> Ou seja, a lei penal não retroage, salvo para beneficiar o réu.

<sup>19</sup> Entre 1970 a 1973, período de atividade máxima deste órgão, o número de pessoas vítimas chega a 70, assim como são intensificados os casos de “desaparecimento”. , que sobem para 47

<sup>20</sup> Os anos 1950 e 1960 foram extremamente férteis na produção cultural do país, que desfrutava de um período democrático e desenvolvimentista. São desta época os primeiros suplementos literários dos grandes jornais diários, que deram origem aos cadernos de Cultura (LORENZOTTI, 2007). No caso do Suplemento no qual Callado publicava críticas nesta época, consistia em um caderno especial, desdobramento do caderno B.

---

Opinião, até o número 24 foi de 28 mil para perto de 38 mil exemplares vendido. Veja estava vendendo pouco mais de 40 mil nas bancas e Visão, nas bancas, vendia pato de 10 mil. A redação de Opinião chegou a ser uma das maiores do país, em termos de esforços mobilizados a favor dela. Fora do país, era um negócio maior ainda: tinha o Robert Kennedy mando entrevistas, tinha essas grandes publicações estrangeiras cedendo direitos de opinião pro Opinião, só porque Opinião resistia à censura (AZEVEDO, 2011, p.20).

#### **4-Longe das redações, mas não da escrita.**

Em 1975, Callado se aposenta do ofício de jornalista de redação aos 58 anos de idade e deixa o JB, decidido a dedicar-se integralmente e viver exclusivamente dos frutos trazidos pela literatura – afinal já era autor de quatro romances, um deles aclamado pela crítica e traduzido em pelo menos quatro línguas (Quarup). No período que vai de 1978 a 1982, Callado voltou a trabalhar na mídia, agora como colaborador semanal e cronista político. Publicava textos com impressões sobre o Brasil e o mundo na revista IstoÉ, nas quais refletia sobre a distensão política, a anistia e a promessa de redemocratização do país.

Mesmo já tendo deixado o trabalho na imprensa, em fevereiro de 1978 foi preso pela última vez, quando voltada de uma viagem a Cuba onde havia sido convidado a integrar o júri de um prêmio literário em Havana, ao lado do compositor Chico Buarque e do jornalista Fernando Morais. Na volta, Callado e Buarque e suas famílias foram detidos ainda no Aeroporto Internacional do Galeão<sup>21</sup>, suspeitos de trazerem livros e slides subversivos e de terem mantido contato com exilados brasileiros no exterior.

Por motivos financeiros, precisou voltar a trabalhar na mídia nos anos 90. Estreou como colunista cultural no jornal Folha de S. Paulo, no Caderno Ilustrada em 11 de abril de 1992. Sua última coluna na Folha foi publicada em 1996, seis meses antes de sua morte, em janeiro de 1997. No fim da vida, o autor que sonhava uma utopia de país mais justo estava desapontado com os rumos do país e com a inabilidade das lideranças políticas em alçarem o país a uma condição superior. Desapontava-lhe o fato do Brasil não deslanchar enquanto potência e enquanto sociedade organizada, nunca “deixar a infância”.

---

<sup>21</sup> Chico Buarque e Antônio Callado chegaram em voos diferentes (TAP e Varig, respectivamente), tiveram bagagem revistada e permaneceram mais de 12 prestando esclarecimentos na Secretaria de Segurança, para onde foram levados. A investigação mostrou que Callado nada trouxera na bagagem, enquanto Chico Buarque trouxera alguns livros e discos. Embora tenham sido liberados, ainda tiveram que prestar novo depoimento em nova oitiva realizada dias depois, o que mereceu muita atenção da mídia.

---

## REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., D. **O sumiço de Fawcett**. In: Outros achados e perdidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CALLADO, A.A. (org.) **O país que não teve infância**: as sacadas de Antônio Callado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CALLADO, A. **O centenário do Desembargador Souza Pitanga**: lembrando o abolicionista, o indianista e o grande apaixonado da liberdade. IN Correio da Manhã, 2 de março 1950.
- \_\_\_\_\_. **Esqueleto na Lagoa Verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Em nome da consciência**: as ideias e o brado de um escritor na obra e na vida. (14 de julho de 1976, edição nº 410). Rio de Janeiro: Revista Veja. Entrevista concedida a João Marcos Coelho.
- \_\_\_\_\_. **Volta o Barril**. (12 de abril de 1964, edição 21.786) Rio de Janeiro: Correio da Manhã, Caderno 1, p.6)
- \_\_\_\_\_. **Vietnã do norte**: advertência aos agressores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. In: LEITE, L. C. M. Z., CARLOS; LAFETÁ, JOÃO LUIZ (org.). O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982p. 129-267.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. In: MARTINS, M.; ABRANTES, P.R. (org.). 3 Antônio e 1 Jobim: histórias de uma geração. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- COTRIN, G. **História Global – Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DINES, A. (Et al). **Os idos de março e a queda em abril**. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1964.
- FICO, C. **Além do golpe**: a tomada de poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- LACOUTURE, J. A História Imediata. In LE GOFF, J. (ORG). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.p.287-321
- MORAES, L. C. **Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado**. Havana: Casa de las Americas, 1983.
- MOREL, E. **O golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- ROCHA, R.C. Antônio Callado e a rasura da identidade nacional. In **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Nº 21. 2012.

ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SODRÉ, N.W. **História da Imprensa no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/26/brasil/15.html> <acesso em 12.12.16>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/26/brasil/14.html> <acesso em 12.12.16>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/31/ilustrada/9.html> <acesso em 12.12.2016 >

<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/antonio-callado-caboclo-ingles-que-se-tornou-escritor-imortal-1-20781879> <acesso em 16.01.17>

<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2017/01/26/livro-reune-chronicas-politicas-de-antonio-callado-publicadas-no-fim-dos-anos-70/> <acesso em 26.01.17>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1853079-callado-acreditava-que-o-papel-do-intelectual-e-intervir-na-politica.shtml> <acesso em 27.01.17>

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/encontro-na-casa-de-ruibarbosa-lembra-o-centenario-de-antonio-callado> <acesso em 28.01.17>

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38794242> <acesso em 30.01.17>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq290134.htm> <acesso em 03.03.17>

<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-callado> <acesso em 10.05.17>

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/100-anos-de-antonio-callado> <acesso em 21.09.17>

[http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2017/01/cadernos/panorama/544017-um-pensador-do-brasil-100-anos-de-antonio-callado.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/01/cadernos/panorama/544017-um-pensador-do-brasil-100-anos-de-antonio-callado.html) <acesso em 21.09.17>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1853078-livros-e-filme-celebram-o-centenario-de-antonio-callado.shtml> <acesso em 30.01.17>

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> <acesso em 03.07.17>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1925413-filmes-que-retratam-antonio-callado-e-henfil-provocam-reflexoes-sobre-o-pais.shtml> <acesso em 08.10.17>

<https://bndigital.bn.gov.br/> <acesso em 02.02.19>.